

perpendicularmente no cabo. Alguns dos machados de pedra prehistóricos eram encabados do mesmo modo.

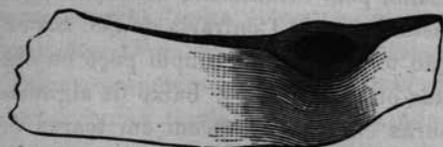


Fig. 3



Fig. 4

O objecto representado na fig. 3 é tambem *securis*, mas talvez *dolabrata*.

O objecto representado na fig. 4 corresponde a uma pequena picareta: de um lado tem córte de machado, do outro lamina de sacho estreito.



Fig. 5

O objecto representado na fig. 5 corresponde a uma picareta de pá.

J. L. DE V.

O castro de Samil e as cavernas de S. Lourenço

A 3,5 kilometros a sudoeste de Bragança, num dos pontos mais dominantes da elevação comprehendida entre as linhas de agua affluentes margem da direita do Fervença, que formam os valles do Conde ou de Nogueira e o de Samil, e a cavalleiro d'esta povoação, vêem-se restos de um castro do typo de Maquieiros em Gondesende, de traçado circular de 400 metros proximamente de desenvolvimento, de que se conhecem ainda distinctamente vestigios de muralha de pedra solta que de onde em onde assentava em grandes fragas de rocha negra que conjunctamente com o fosso que a envolvia tornava esta posição uma das melhor defendidas. Contiguo e do lado sul nota-se um pequeno circuito limitado por fragas da mesma natureza, que faz suppôr, pela sua regular disposição, ter sido obra do homem e ter feito parte integrante d'esta estação archaica; e na vertente do poente, como que para lhe augmentar o seu valor defensivo, ha um prolongamento natural de 30 a 40 metros dos mesmos rochedos. Nelle e em volta apparecem alguns pedaços de

cantaria lavrada, fragmentos de telha, de louça grosseira e de pedras polidas que é de presumir que fossem machados ou martellos.

Este é o local conhecido em Samil pelo *Castanheiro do Senhor*, por haver no fosso ao nascente um castanheiro da Confraria do SS. Sacramento, junto do qual é de tradição ter havido um amplo poço ou cisterna, assim como o é haver grutas ou cavernas por baixo de algumas d'aquellas fragas em que as mouras encantadas tecem em teares de ouro em noite de S. João; por isso que, affirmam, os mouros estiveram aqui e tem-se até achado argolas de ferro com que prendiam os cavalios. O sitio a que chamam o *Castro* fica a 100 metros a sul em que por mais attentas que se façam as investigações não se descobre indício algum á superficie que justifique este nome. Todavia nelle deparam-se-nos algumas fragas, como as já mencionadas, e numa d'ellas em que está hasteada uma pequena e singela cruz de madeira que marca o termo das ladainhas, encontra-se um cavado muito parecido ao rasto de um sapato que dizem ser a *pêgada da Senhora* que deixou ao passar por alli; e um pouco acima noutra percebem-se os desenhos de uma *pêgada* menor e o de uma folha que dá semelhanças á da figueira, que não são devidos á natureza e aos veios da rocha ou ao *vento* da pedra (como dizia o guia entendido no officio de pedreiro), mas á mão do homem ¹.

O horizonte que d'este alto se contempla em todas as direcções é muitissimo vasto e attrahente, que torna pouco o muito tempo que gastamos em gozar tão variado e admiravel panorama. E depois o mysterio historico que o envolve como que nos prende a elle, custando-nos a abandoná-lo por nos haver proporcionado momentos tão deliciosos com a contemplação simultanea do presente e do passado. E d'este, além das suas recordações, existem bem perto outros que talvez tenham relação com ellas, como são a 1:000 metros para poente, já fóra da encosta, e quasi á beira da estrada de Macedo, a *fraga da selvage*, que actualmente está quasi toda destruida e nada nos indica, mas pelo nome faz-nos desconfiar que tivesse sido um monumento prehistorico, um dolmen ou menhir; e 700 metros, adeante indo de Bragança, a Quinta do Pinhal ou de S. Lourenço em que este santo martyr teve culto, em tempos ainda não distantes, numa capella de que apenas restam a pia da agua benta e algumas cantarias lavradas mettidas nas paredes da casa da habitação e suas dependencias, e cuja imagem está na igreja

¹ Cfr. sobre este assunto J. Leite de Vasconcellos, nas *Tradições populares de Portugal*, § 209, e nas *Religiões da Lusitania*, I, 381, etc., onde cita factos analogos, portuguezes e estrangeiros.

do Loreto d'esta cidade. Pois este local tão desprotegido das bellezas naturaes, que chega mesmo a passar despercebido ao viandante, por não apresentar cousa que desperte a attenção, é hoje objecto do maior interesse archeologico pelos vestigios que nelle ha e pelas suas lendas e tradições. Deve ser curiosa e interessante a historia d'essas cavidades ou cavernas abertas em rocha branda que o acaso descobriu ha algumas semanas numa terra pegada á estrada pela parte de cima em frente das casas em que se encontraram pedras soltas de diversos tamanhos, carvão muito misturado com terra, fragmentos de tijolo, de louça grosseira e de ossos, que nos deixaram na incerteza ou se ascendem a uma só epocha ou a diferentes, por isso que a circumstancia de estes mesmos vestigios apparecerem tambem em certa area em volta, faz presumir que pertencem a um pequeno povoado que a tradição diz ter havido aqui. Agora acharam-se duas, mas julga-se que sejam mais, porque consta que ha annos, por identico motivo, se pôs a descoberto outra de maiores dimensões muito proximo d'estas. Communicam entre si por galerias muito estreitas que só permittiam entrar de rasto, e as suas partes mais largas tinham a fórma de um pequeno forno de pão em que mal se cabia de joelhos. Ao pôr a descoberto as entradas encontraram-se na remoção das terras pedaços de *pedras de raio*, nome porque são denominados os machados e os martellos do periodo neolithico. Ellas não são naturaes mas artificiaes, e a sua disposição e situação tornam ainda mais difficil de explicar o destino que tiveram estas cavidades neste lugar onde houve noutro tempo uma grande feira, se encontraram tantas cantarias lavradas, tantas ossadas em sepulturas tapadas proximo do sitio da capella, e onde, finalmente, conta a lenda, os christãos venceram em rija peleja os mouros que fugiram do Castello de Rebordãos, cujas ruinas ficam a alguns kilometros de distancia envoltos nas dobras da serra de Nogueira.

Bragança, 1899.

ALBINO PEREIRA LOPO.

A mesa dos ladrões em Valle d'Ovos

Pelos fins de Novembro, ou principios de Dezembro, de 1846, fazendo parte de uma columna volante, que saiu do Valle de Santarem, sob o commando do Sr. José Joaquim Januario Lapa, passámos por Valle d'Ovos, proximo a Chão de Maças. E digamos, de passagem, que os ovos e maçãs que alli ha, são pedras soltas de todos os tamanhos e feitios, algumas arvores enfezadas, e algum mato amarellado